

**“Mulheres que Gingam no Meio do Mundo”:** capoeiragem feminista em Macapá*"Mujeres que Gingam en la Mitad del Mundo": capoeiragem feminista en Macapá**"Women who Gingam in the Middle of the World": capoeiragem feminist in Macapá***Maria Zeneide Gomes da Silva****Jeniffer dos Santos Pereira**

**Resumo:** Este artigo<sup>1</sup> apresenta a história de mulheres do “Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo”, movimento social composto por mulheres capoeiristas de diferentes grupos ou associações de capoeira na Amazônia, Estado do Amapá, em luta pela visibilidade e empoderamento nas rodas de capoeira. O referencial teórico é pautado em obras principalmente do feminismo negro e autores sobre capoeira e/ou estudos afro-amazônicos. Optamos pela pesquisa participante, observação etnográfica tradicional e digital. Os resultados apontam a capoeira e o coletivo analisado, enquanto movimentos sociais marcados pelas diferenças étnico- raciais, intergeracionais, pela resistência, luta por adequação de gênero e afirmação de suas identidades LGBTQI+, com seus gingados políticos nas rodas de capoeira e grande roda social no meio do mundo, esquina do rio Amazonas com Oceano Atlântico, no Estado do Amapá.

**Palavras Chave:** Roda de Capoeira. Mulher Capoeira. Gênero. Amazônia.

**Resumen:** Este artículo presenta la historia de las mujeres del "Colectivo Mujeres que van en la mitad del mundo", un movimiento social compuesto por mujeres capoeiristas de diferentes grupos o asociaciones de capoeira en la Amazonía, estado de Amapá en lucha por la visibilidad y el empoderamiento en ruedas de capoeira. El marco teórico, basado en trabajos principalmente feminismo negro y autores sobre capoeira y/o estudios afroamazónicos. Se eligió la investigación participante, la observación etnográfica tradicional y la digital. Los resultados apuntan a la capoeira y al colectivo analizado, como movimientos sociales marcados por diferencias raciales, étnicas intergeneracionales, resistencia, lucha por la adecuación de género y afirmación de sus identidades LGBTQI+ con sus gingados políticos en la rueda de la capoeira y gran rueda social en la mitad del mundo, rincón del río Amazonas y el Océano Atlántico en el Estado de Amapá.

**Palabras Claves:** Rueda de Capoeira. Mujer Capoeira. Género. Amazônia.

**Abstract:** This article presents the story of women from the "Collective Women Who Go in the Middle of the World", a social movement composed of capoeiristas women from different groups or associations of capoeira in the Amazon, state of Amapá in struggle for visibility and empowerment in capoeira wheels. The theoretical framework, based on works mainly black feminism and authors on capoeira and/or Afro-Amazonian studies. We chose participant research, traditional ethnographic observation and digital. The results point to capoeira and the collective analyzed, as social movements marked by racial, intergenerational ethnic differences, resistance, struggle for gender adequacy and affirmation of their LGBTQI+ identities with their political gingados in the capoeira wheel and great social wheel in the middle of the world, corner of the Amazon River and Atlantic Ocean in the State of Amapá.

**Key-words:** Capoeira Wheel. Capoeira Woman. Gender. Amazônia.

<sup>1</sup> O presente artigo foi comunicado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 no período de 19 a 30 de julho de 2021, UFSC, sob o Título “Mulheres que Gingam no Meio do Mundo”- capoeiragem feministas em Macapá. O mesmo, após orientações, passou por modificações pertinentes no texto original.

**Maria Zeneide Gomes da Silva** – Mestre em Educação e Cultura - PPGEDUC/UFPA, Especialista em História Afro-brasileira e Indígena – UFPA/FACHTO-Cametá, Especialista em Educação a Distância – UFPA e Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística – Artes Plásticas, Membro do Comitê Gestor da Salva-guarda Capoeira do Pará-IPHAN, Professora SEDUC-PA. E-mail: [zeneidegomes@yahoo.com.br](mailto:zeneidegomes@yahoo.com.br)

**Jeniffer dos Santos Pereira** – Acadêmica de Gestão Pública, Instrutora de Capoeira e Coordenadora do Centro Cultural de Capoeira Raízes do Brasil no Amapá, Coordenadora do Movimento Capoeira Mulher – PA, Coordenadora do Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo – AP. E-mail: [jenyffersp.meg@gmail.com](mailto:jenyffersp.meg@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa refletir sobre organização social de mulheres capoeiristas na Amazônia, no Estado do Amapá. Falar das mulheres em posição desfavorável em relação ao homem na sociedade brasileira é lugar comum; no cenário da capoeira não é diferente, as mulheres vêm gingando, se esquivando, atacando, dando volta ao mundo e entendendo esses movimentos enquanto ato político de resistência e luta nas grandes e pequenas rodas. Assim como a prática da capoeira, onde ninguém joga sozinha ou sozinho, de forma coletiva e organizada, na esperança de dar uma rasteira no patriarcado, sexismo, machismo e todas as fobias que estão presentes nas rodas de capoeira, foi neste jogo que as autoras se encontraram, em 2016, durante a pesquisa para dissertação de mestrado<sup>2</sup> sobre o Movimento Capoeira Mulher – MCM, organização social composta por mulheres capoeiristas de vários grupos/associações de capoeira em Belém do Pará que lutam pela visibilidade, igualdade de oportunidades e empoderamento nas rodas de capoeira há vinte anos.

Foi neste processo que a fala de Jeniffer Santos na capoeira, conhecida como Margarida, parceira e coautora do presente trabalho, afirmava que o MCM influenciou a criação de outros movimentos ou coletivos de mulheres capoeiristas, dentre estes, o “Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo”<sup>3</sup> Amapá, que nasceu com o intuito de fazer a integração entre as mulheres capoeiristas, e, como movimento no Pará, as mulheres no Amapá também não se conheciam. Na ocasião, a história das amapaenses não pôde ser explorada. Agora, na condição de parceiras e autoras, entraram na roda para contar e refletir sobre a história de mulheres capoeiristas cis e trans que gingam, enquanto um ato político, para o enfrentamento às opressões através da pesquisa e escrita.

Enquanto metodologia, realizamos um estudo de caso, através da pesquisa e observação participante de cunho etnográfica, na forma tradicional e virtual, pois, segundo Angrosino (2009), “os espaços virtuais também são considerados campo interessante de interações sociais e pesquisa etnográfica”. Nossa interação e parceria ocorreu de forma presencial e virtual através de conversas via telefone, áudios visuais e/ou mensagens de textos. Consideramos essa parceria de fundamental importância para atuação e resistência política contra as hegemonias dominantes dentro da capoeira que enfrentamos enquanto pesquisadoras e depoentes compromissadas com a lógica de dominação masculina. Dessa forma, trazendo nossas vozes juntamente com as vozes das interlocutoras da pesquisa, que relataram suas experiências e/ou foram percebidas como sujeitas de mudanças e não apenas enquanto objetos de estudo.

O referencial teórico utilizado vem no sentido de contribuir para análise deste fazer cultural do povo negro à capoeira, focando no feminismo, sobretudo o negro, na história da capoeira enquanto expressão cultural da e na afro-Amazônia, para analisar o sexismo, o machismo, o racismo e as fobias que estão contidos nestas expressões culturais negra que produz efeitos violentos sobre a mulher capoeirista.

### 1. A Capoeira Amapaense e Sua Intersecção com a Capoeira Paraense.

Para falar sobre mulheres na capoeiragem na cidade de Macapá, no Estado do Amapá, torna-se relevante informar sobre a relação ancestral com a história da capoeiragem

<sup>2</sup> Movimento Capoeira Mulher: Saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará da autoria de Maria Zeneide Gomes da Silva 2017, que investigou o Movimento Capoeira Mulher, organização social de mulheres capoeiristas paraense.

<sup>3</sup> A expressão “Meio do Mundo”, em referência ao Marco Zero, a linha imaginária que divide os hemisférios Norte e Sul do Planeta, que atravessa o Estado do Amapá.

na Amazônia paraense, uma vez que o território paraense englobava o Amapá até 1943, quando foi desmembrado do Pará para a criação do Território Federal, somente elevado à condição de Estado em 1988, com a atual Constituição Federal. Razão pela qual temos uma história compartilhada, não apenas por considerar que o Amapá fazia parte do território paraense, mas por ter sido o local para onde eram deportados os capoeiras presos na capital Belém durante no século XIX e início do século XX, período de criminalização da capoeira e perseguições aos capoeiras.

A história dos valentões e valentonas capoeiras foram encontradas em diferentes fontes, tais como: literatura, jornais e arquivos de polícia antigos do Pará. Dentre os muitos registros, Salles (2004) traz os perigosíssimos Macaco e Gato, que, por volta de 1920, eram especialistas em brigas com a cavalaria, sempre deixando gente no chão, pois a luta era sempre pra valer. Salles afirma ainda que, como na Bahia, capoeiras famosos no Pará foram consagrados em chulas tradicionais, a exemplo, cita o poema “Pai João” de Bruno de Meneses, que contém a chula do celebrado “Juvená”, para ele, êmulo do camarada baiano Mangangá, ao menos na glória do canto consagrador da habilidade do grande capoeirista: “Juvená/Juvená! Arrebate /esta faca/Juvená!”, fato que também aponta para aproximação entre a prática de capoeira e outra expressão cultural afro-amazônica, o carimbó.

A literatura de Leal (2008), ao abordar um período entre 1888 e 1906, aponta para a aproximação entre capoeiras e os Bois Bumbás e a “importação” de capoeiras pernambucanos para o serviço de capangagem de poderosos no Pará entre 1890 à 1912, onde, sob alcunhas de capangas, os capoeira incomodavam o “sossego público”. E, apesar da capangagem de certa forma ser protegida e defendida por seus chefes políticos de qualquer punição – pelo menos até o último dia em que esteve à frente da Intendência Municipal o senador Antônio Lemos (Lemos, era um Liberal no período Imperial e, na República, ocupou altos postos políticos até 1912, quando foi deposto, e que teve vários capangas capoeiras) –, a luta e campanha para exterminar as maltas de desordeiros é ferrenha, segundo o jornal “A República”, que aconselhava a deportação de capoeiras ao chefe de polícia, revelando, com isso, o projeto de governo de, com uma única ação, resolver dois problemas: a carência de mão de obra para a colonização do Amapá, onde a presença de brasileiros era pequena e também fundamental para resolução dos constantes conflitos em virtude da frágil demarcação dos limites de Fronteira com a Guianas Francesas; e, de outro lado, resolver o problema vivenciado com os capoeiras na capital.

Duro com eles, dr. Chefe. Livrai-nos desses vagabundos. O Amapá precisa de ser colonizado e está de braços abertos pedindo que mande *boa gente*.

Nada de comiserações.

É tempo de limpar a nossa capital. Para cá fugiram os *capangas* de Pernambuco. No dia que o Amapá começar a receber a escória que nos infesta, tereis merecido os aplausos sinceros dos homens de bem.

Deixai a política da capoeiragem. (*A República*, 27 de agosto de 1890)

Desta forma, segundo Leal (2008), diante das disputas entre partidos políticos Democratas e Republicanos até o dia 09 de setembro, um total de 40 (quarenta) pessoas foram presas por toda a Belém e arredores, entre estes, 06 (seis) mulheres, sendo um total de 33 (trinta e três) homens apontados como capoeiras/vagabundos, que foram deportados para o Amapá. Ressalta-se que todos tinham profissão, porém, segundo os Republicanos, os Democratas apenas livraram os seus

capoeiras e capangas. Foi neste cenário que se destacou Francisco Xavier da Veiga Cabral (1861 – 1905), o Veiga Cabral, famoso capoeirista Cabralzinho, nome bastante conhecido na época por sua capoeiragem e militância política, tanto no Pará quanto no Amapá, para onde foi enviado no rastro das deportações, mas com uma missão política, não como um simples deportado. Percebe-se que Cabralzinho, filho de político, comerciante e dono de jornais, não recebia o mesmo tratamento diferenciado dos demais capoeiras de outros extratos sociais simples envolvidos nas ações de repressão. A literatura sobre este momento político também lhe reserva o lugar de militância política e de herói nacional, o que lhe redeu homenagens nos dois Estados: na capital do Pará, homenageado com nome de rua; e em Macapá, capital do Amapá, com uma estátua em praça pública – imagem que nada lembra a capoeiragem com a qual desarmou e derrotou um oficial francês, durante conflitos em 1895, em virtude das disputas territoriais com a Guiana Francesa.

No que tange à história de mulheres na capoeiragem, no Estado do Pará, ela é antiga, conforme Soares (1997) e Oliveira e Leal (2009), tal como a dos homens, desde o século XIX, segundo o jornal *A Constituição* de 21 de novembro de 1876: “Que mulher Capoeira! As 7 horas da noite, por praças do 4º Batalhão de Artilharia foi hontem presa a cafuza Jeronyma, escrava de Caetano Antônio de Lemos”. Soares se refere como “improvável” talvez por ser em Belém do Pará<sup>4</sup>, fora do Eixo nordeste e sudeste, grandes centros de capoeira, fato que, até o presente, é considerado o mais antigo registro de mulher praticante de capoeira no país. Além de Jeronyma, outras ancestrais são citadas: Maria Meia-Noite, Joana Maluca, Maria Galinha e tantas outras invisibilizadas na memória coletiva. Da mesma forma que os homens, eram presas, tachadas de desordeiras, vadias, vagabundas e prostitutas, perfil em total antagonismo aos padrões estabelecidos para mulheres, mesmo para as de sua classe social de origem afro ou indígena, escravizadas ou libertas, que frequentavam os mesmos espaços que os homens: as ruas, enquanto espaços de trabalho e boemia na Belém do Pará no século XIX e início do século XX.

Silva (2017), em sua pesquisa, evidencia a participação de mulheres capoeiristas nas últimas décadas do século passado até o presente. As capoeiristas atuaram e atuam em diversas frentes de trabalho e com diferentes níveis de formação escolarizada, sendo muito mais provável a capoeirista chegar ao mestrado e/ou doutoramento acadêmico que a ser mestra na capoeira no Pará, com uma história marcada pela ausência de socializações entre mulheres de outros grupos, com baixas graduações, ausência de autonomia e compartilhando, ainda, histórico das opressões – violências física e sexual, feminicídios e pedofilia – dentro da capoeira; e, ainda, casos de violências domésticas, quando o companheiro também é praticante de capoeira. Casos quase sempre acobertados por homens e mulheres, razões pelas quais levaram um grupo de mulheres liderados do Silvia Leão, a Pé de Anjo, em 2016, considerada Mestre de Capoeira<sup>5</sup> *in memoriam*, a se organizarem e criarem o MCM. Este movimento é o lugar de onde Margarida procede enquanto participante e coordenadora.

Margarida, vítima da violência por seu ex-companheiro e professor de capoeira, assim como Cabralzinho, foi para o Estado do Amapá; não foi deportada, mas saiu em fuga estratégica para a segurança de sua própria vida e de sua família. “Uma vítima do machismo, que ao mesmo tempo em que foi amparada pelas primeiras militantes do movimento, também se transformou numa militante, mesmo morando em outro Estado.” (SILVA, 2017 p.89). No novo Estado, atua na articulação das mulheres capoeiristas do local, o que levou à criação do “Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo”, conforme vimos acima.

<sup>4</sup>Na então Província do Grão Pará e Maranhão.

A história da capoeira no Amapá, tal qual no Pará, ainda precisa ser mais investigada; no entanto, encontramos no “Dossiê de Registro Marabaixo”, enquanto patrimônio cultural pelo IPHAN, 2018 – O Marabaixo é uma expressão cultural afro-brasileira, legado das ancestralidades africanas aportadas na região no final do século XVIII, constituindo-se num legado identitário do Estado do Amapá –, uma expressão por meio da dança e cantigas, que são denominadas “ladrao”, espécie de poesia oral, que narra fatos cotidianos, usado para mensagens durante as rodas de Marabaixo, musicada a partir de toques das caixas, instrumentos de percussão, espécie de tambor produzidos pelos tocadores.

Marabaixo é uma manifestação cultural constituída principalmente por canto, música e dança. Vincula-se ao fazer religioso do catolicismo popular praticado predominantemente pelas comunidades negras do Amapá. Costuma ser ofertado às santidades de devoção em agradecimento pelo alcance de uma graça, ainda que não se restrinja um contexto. (BRASIL, 2018 p.15)

A prática da capoeira é encontrada na década 1940, juntamente aos estudos realizados sobre o Marabaixo, praticado em frente à tradicional Igreja Matriz de São José, palco das rodas de Marabaixo e do jogo da “carioca”, como era chamada a capoeira naquela época. Onde o pesquisador “Manoel Nunes Pereira, em visita ao Amapá em 1949, constatou o que seus informantes à época identificavam como Carioca: homens ‘feitos’, rapazes e crianças se empenhavam em luta corporal, em rasteiras e capoeiras.” (PEREIRA, 1989, p. 105, apud; BRASIL, 2018, p. 52). Do Dossiê, vem a informação que, das memórias dos velhos detentores do Marabaixo, surgem as referências dos jogos da carioca:

Antigamente quando o Marabaixo sai às ruas o seu Bruno(...)tirava o fundo de uma garrafa e fazia fa..fafa..fa, então a ‘caixa velha dobrava’ (...)animando os participantes que no domingo do mastro iam jogar capoeira na frente da igreja do São José, padroeiro da Macapá(...) Após o jogo, os brincantes se cumprimentavam dando as mãos, abraçando-se (...) e o cortejo seguia pelas ruas da cidade, ao som das caixas dobradas até a casa do festeiro. Lá o jogo continuava e os feridos recebiam os primeiros cuidados com unguentos à base de ervas e plantas

<sup>5</sup> Segundo Silva (2017): fato ocorrido fruto da transgressão de mulheres que compõe o Comitê Gestor da Salvaguarda Capoeira do Pará, por ocasião à “Roda de Conversa Patrimônio e Gênero: a mulher na capoeira”, durante o “I Colóquio Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais”, em 22 de novembro de 2016, durante a Semana do Patrimônio Paraense realizada no período de 21 a 25 de novembro de 2016 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e pelo ASAPAM – Associação dos Agentes de Patrimônio Pará. Evento que, com a participação da Dra. Rosângela Janja Costa Araujo, a Mestre Janja, mestra do Instituto Nzinga de Capoeira Angola, Acadêmica do Universidade Federal da Bahia - UFBA, grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, é importante liderança e protagonista na luta e sobre pesquisas, notadamente, sobre a mulheres capoeiristas. Neste evento, Mestre Janja, ao ouvir todas as expositoras capoeiristas e perceber a importância da capoeirista Sílvia Leão, já falecida, para a história da capoeira e sobretudo das mulheres capoeiristas do Estado, na presença de uma quantidade expressiva de capoeiristas e de mestres de capoeira, lançou a pergunta: *Como se reconhece um mestre de capoeira?* A resposta foi unânime: *A comunidade é que reconhece.* Diante da resposta, Mestre Janja afirmou que estava ali na presença de muitos mestres e ela é uma mestra, e fez mais um questionamento: que, quem reconhecia que a Sílvia Leão era uma Mestre de Capoeira, se levantasse. Apenas um mestre de capoeira não se levantou, mas, depois, disse que concordava. Assim, num verdadeiro “pulo do gato” de Mestre Janja, o Estado do Pará teve reconhecida sua Primeira Mestre de Capoeira: Mestre Sílvia Leão, a Pé de Anjo – nome social na capoeira.

caseira. Nos intervalos do jogo as mulheres ocupavam o barracão e faziam as rodas de Marabaixo. (VIDEIRA, 2009. p 100 e 119, apud; BRASIL 2018, p. 53)

Dessa forma, através da oralidade de Josefa Lau Picanço, a baluarte do Marabaixo de Mazagão Velho, conhecida como “Tia Zezinha”, narra a história de uma mulher dessa época que jogava capoeira e era conhecida como “Benedita Viada”, a qual, após verificar que estavam fazendo boatos sobre sua filha, entra em combate com um homem chamado “Zé Belém”, no qual deu rasteiras e teve sua luta imortalizada através do seguinte Ladrão de Marabaixo de autoria desconhecida:

“Dia 15 de agosto se deu um grande alvoroço,  
Belém apanhou pancada, na descida do poço,  
Olha irmã catita está no salão, assim atracada assim eu não subo não.  
Olha eu bem te disse Belém, tu deixa de amuanca  
A Benedita Viada é mal para quem apronta”

Interessante destacar que os ‘ladrões’, tal qual as letras das músicas de capoeira, relatam cenas cotidianas dos envolvidos.

## 2. “Coletivo Mulheres que Gingam no Meio do Mundo”

O Coletivo nasceu com o intuito de fazer a integração entre as mulheres capoeiristas do Amapá, segundo Margarida, uma semente a partir do MCM. Em 2006, Margarida chega em Macapá como graduada do Centro Cultural de Capoeira Raízes do Brasil; soube que, anteriormente, uma aluna do Grupo Dandara Bambula, que havia na época, chegou a fazer roda feminina dentro do próprio grupo, porém não havia qualquer movimento de ampliação para outras participantes de grupos diferentes.

Margarida iniciou na capoeira em Belém do Pará, na década de 90, no grupo Discípulos de Dandara, com o Mestre Égos, na época professor, supervisionado por Mestre Caiçara e Mestre Imar, este último patrono do tradicional grupo Dandara Bambula. Em 2000, após sua saída da Abadá Capoeira, passa a ser integrante do Centro Cultural de Capoeira Raízes do Brasil e, em 2002, após convite de Sílvia Leão, Mestre Pé de Anjo (*In Memoriam*), passa a coordenar o MCM junto às demais integrantes da época.

A história de Margarida está imbricada com a história do coletivo de mulheres capoeiristas na cidade de Macapá, o que é perceptível desde a realização do primeiro evento que ela e o irmão capoeirista, Passarinho, realizaram em seu grupo. Ocasão em que entraram em contato com grupos de capoeira e capoeiristas, entre estes, Mestre Grilo e sua esposa, Dona Maria da Capoeira.

Destes momentos de sociabilidades, além de Dona Maria, se deparou com diferentes casos de machismo e intolerância, principalmente no que diz respeito à identidade de gênero – a exemplo, podemos citar duas capoeiristas: a primeira, uma mulher lésbica, contramestra Ilma; a segunda, uma mulher trans chamada Samylla (nome social).

Maria José Pantoja Figueiredo, Dona Maria da Capoeira, é atualmente Presidente da União dos Capoeiristas do Amapá – UNICAP desde o ano de 2012, e foi reeleita em 2016. Uma mulher que é referência na luta pela valorização da capoeira. Essa mulher de 65 anos de idade, negra, com traços indígenas, não tem graduação, não é mestra. Ela não joga em todas as rodas, mas, como ela

diz: a vontade é tão grande que ela entra, nem que seja só para gingar. Por isso, foi questionada ao assumir esta entidade, que agrega mais de 40 grupos de capoeira no Estado. O interessante em tudo isso foi a transformação e reconhecimento ao longo dessa estada à frente da entidade, pois a mesma era conhecida na capoeira como “Maria do Grillo”, uma vez que é esposa de um dos mestres mais antigos no Estado, e, atualmente, em qualquer lugar no Amapá em que se fale em segmento afrodescendente, todos conhecem a “Maria da Capoeira”, que foi conselheira estadual de cultura e lutou pela efetivação da Cadeira Titular da Capoeira, ato que foi executado após sua saída do mandato. Dona Maria concorreu à vereança nas eleições de 2019.

Dona Maria foi a primeira pessoa procurada por Margarida para socialização do desejo e intenção de organização das mulheres e prontamente se manifestou favorável e apontando caminhos e se colocando à disposição para contribuir para implementação, dizendo: “faz que eu ajudo, e faz pela UNICAP”. Nos diálogos estabelecidos para organização, encontraram muitos obstáculos, entre eles, a ideia de que “os movimentos de mulheres, só servia para tirar alunas dos grupos”, fala muito ouvida quanto à criação do MCM em Belém. Postura que evidencia a completa falta de entendimento sobre feminismo e o movimento. Para hooks (2018), o feminismo é um movimento para acabar com o sexismo e a opressão e que não tem nada a ver com ser anti-homem. E, ainda, afirma que seria inocência simplificar o feminino e enxergá-lo como um movimento de mulheres contra homens, e que todas e todos nós participamos da disseminação do sexismo, até à mudança de consciência e coração, até substituirmos ações sexistas por ações feministas.

Dentre as muitas histórias vivenciadas por Dona Maria da Capoeira, podemos citar o ocorrido em uma gestão municipal passada, onde, por ocasião da Semana da Consciência Negra, foi realizada apresentação de capoeira envolvendo vários capoeiristas de diferentes grupos e, até as vésperas do Natal, o Governador não havia liberado o pagamento para os envolvidos. Assim, em 24 de dezembro de 2014, às seis horas da manhã, Dona Maria da Capoeira estava à porta da casa do governador. Quando ele foi atender e viu quem era, falou: “É muito deselegante de sua parte vir na porta de minha casa às seis horas da manhã para me cobrar por uma apresentação que vocês fizeram no 20 de novembro. Se tivesse como, eu já tinha pagado vocês.”. Dona Maria da Capoeira falou assim: “É muito deselegante da sua parte não entender que têm professores de capoeira que fazem o trabalho que o Estado deveria fazer, não deixando as crianças se perderem nos bairros periféricos. E têm pais de família que contavam com esse cachê que, para o senhor, não significa nada, um cachê de mil reais. Mas era esse dinheiro, que ia garantir a ceia das famílias de alguns pais de família desses professores de capoeira. Então, eu não tenho vergonha de estar aqui lhe cobrando, porque eu não estou fazendo isso por mim, estou fazendo por todo mundo que está dependendo desse recurso.”.

Após o resultado dessa conversa espinhosa, às onze horas da manhã, Dona Maria mandou chamar Margarida. Ela tinha conseguido o valor bruto de R\$ 15.000,00, que, após os descontos de práxis, o valor líquido ficou em R\$ 11.700,00. Nesse mesmo dia, ela mandou chamar todos que fazem parte da UNICAP, repassando o dinheiro para todos que participaram da apresentação. Então, por essa trajetória, as pessoas têm admiração e respeito grande por ela, e, coincidentemente, o dia de seu aniversário é o dia da capoeira no Amapá.

Contramestra Ilma – Gracinilde Barbosa Cardoso, conhecida na capoeira como “Garra de Onça”, ex-companheira de mestre de capoeira –, relata que passou por processos de opressão tanto na sociedade quanto na capoeira, e passa por toda uma transição ao assumir sua identidade

homossexual após a traumática separação do ex-companheiro. É importante destacar que “Garra de Onça”, sem apoio familiar e pressionada, suprimiu sua homossexualidade para se encaixar na expectativa daquilo que todos esperavam dela: ser mulher, mãe e esposa de mestre. Após anos, não suportando mais a pressão e rebelando-se, principalmente ao passar por decepções pessoais, mudou sua postura e impôs sua vontade, assumindo um relacionamento homoafetivo e recebendo apoio dos filhos e de amigos. A nossa arte capoeira, mesmo pregando a liberdade, não aceitou muito bem essa transição. Ela revela que, por diversas vezes, sentiu-se incomodada pelo fato das pessoas com quem convivia a criticarem por ter “deixado de ser mulher”, quando, na verdade, ela **assumiu** ser uma mulher lésbica.

Outro processo de transição e adequação de gênero acontecido dentro da capoeira diz respeito à capoeirista Sâmylla Rocha (nome social) – na capoeira, a Donzela –, na atualidade com 27 anos, relatando que, desde cedo, se identificou como menina, como mulher, e aos 13 anos contou para a mãe que gostava de meninos e, aos 18 anos, começou a transição que ainda se encontra em processo. Tornar-se mulher trans não foi fácil. A aceitação no meio familiar foi difícil, mas o apoio da mãe e de uma tia foram fundamentais para o enfrentamento às discriminações, assédios e *bullying* sofridos.

Dentro da capoeira, Donzela narra não ter sido bem compreendida e recebida quando resolveu passar pelo processo de transição, especialmente quando passou a usar roupas femininas. Conta ainda que certo Mestre de Capoeira, após assédios e comentário depreciativo sobre sua conduta e opção sexual, mandou mensagem privada em rede social solicitando fotos, chamadas *nudes*, numa total falta de respeito e humanidade.

É importante ressaltar que Margarida, enquanto coordenadora do coletivo Mulheres que Gingam, recebeu críticas e questionamentos por aceitar a participação de um homem no coletivo, uma vez que se tratava de um coletivo composto por mulheres, ou seja, significa o não reconhecimento da identidade feminina de uma mulher trans. Obviamente, Donzela não só faz parte deste coletivo como é a primeira mulher capoeira trans no Amapá, assim como uma de suas coordenadoras. Na vida profissional, também é a primeira mulher trans servidora do Governo do Estado do Amapá a ser nomeada com seu nome social<sup>6</sup>, já tendo assumido interinamente a Secretaria Extraordinária de Políticas para Juventude. Para ela, as maiores dificuldades enfrentadas ocorreram no passado, não que os assédios, discriminações e transfobia tenham acabado, mas pela conquista de espaços na sociedade, como no espaço de trabalho, fato que a fortalece para o enfrentamento.

Das experiências vivenciadas em eventos fora do Estado, Margarida lembra um momento difícil que viveu durante um evento em Brasília, no qual participou como palestrante sobre o tema “Assédio Moral e Sexual na Arte: Quando a brincadeira vira coisa séria”. Ela relata que, durante sua fala, enfatizou o seguinte pedido:

Todos aqui fazem eventos trazendo homens de outros estados né? Então, por favor, por favor mesmo, parem de oferecer suas alunas, amigas e conhecidas de seu estado como mercadoria! Quantas e quantas vezes a gente já não ouviu o termo “vem que quando você chegar tem um monte de mulher aqui, nos utilizan-

<sup>6</sup> O Ministério Público do Estado do Amapá, em 2017, lança a campanha “Me respeita como eu sou”, que garante a adoção do nome social por parte dos órgãos públicos para travestis e transsexuais. Ação teve como base o decreto N° 8.727/2016, que dispõe sobre o uso nome social e o reconhecimento da identidade de gênero das pessoas travestis e transsexuais no âmbito da administração pública federal direta, autarquia e fundacional.



do como moeda de troca... O pior é vocês normalizarem esse tipo de comportamento e isso, definitivamente, não é normal.” (MARGARIDA, de palestra em 2018 realizada Encontro Nacional Feminino de Capoeira em Paranoá)

Após esse momento, recebeu olhares hostis de alguns homens presentes e outros, ofendidos, se retiraram; porém, no decorrer da palestra, outras mulheres se manifestaram tendo problemas semelhantes, provando que este não é um fato isolado e acontece em todos os Estados e não apenas na região norte. Hoje, apesar de toda a carga que teve que suportar ao passar por provações para criação e continuidade na coordenação do MCM em Belém, bem como de reiniciar todo esse processo em um Estado diferente através do Coletivo, é, atualmente, a Coordenadora Estadual do Centro Cultural de Capoeira Raízes do Brasil no Estado do Amapá, ressaltando que, dos onze Estados em que o grupo tem representação, apenas o do Amapá é coordenado por uma Mulher.

Diante de todos esses fatos vividos e percebidos por mulheres afro-amazônicas, portanto negras, só confirma o que Gonzales (2018), no texto “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, afirma.

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GOZALEZ, 2018, p. 191)

É essa sintomática que faz com que o corporativismo existente entre homens, onde muitas mulheres também participam, esteja sempre tentando silenciar as mulheres, não permitindo que se reúnam em “movimentos”, de discutirem as problemáticas que vivenciam dentro da capoeira, ou das violências domésticas pelas quais passam as muitas mulheres capoeiristas, vítimas de seus companheiros capoeiristas, que muitas vezes acaba sendo letal, revelando, ainda, a mentalidade sexista e patriarcal e o total desconhecimento conceitual a respeito de movimentos feministas, sobre racismo e inclusão. Nós, assim como ensina a feminista negra bell hooks, gostaríamos que todos e todas as capoeiristas compreendessem que:

Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão(...) porque afirma de maneira muito clara que o movimento nada tem a ver com ser anti-homem (...)E essa clareza nos ajuda a lembrar que todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quanto homens. Isso não desculpa ou justifica a dominação masculina; isso significa que seria inocência e equívoco de pensadoras feministas simplificar o feminismo e enxergá-lo como se fosse um pensamento de mulher contra homem. Para acabar o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até despegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas. (hooks, 2018, p 13)

Para tanto, é importante destacar que a conscientização é necessária para que haja mudanças significativas, pois, de acordo com hooks (2018), feministas não nascem feministas, feministas são formadas, visto que, assim como todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação. Portanto, é necessário a conscientização e parceria entre mulheres, pois a sororidade ainda é muito poderosa e necessária. Chamamos a atenção para as seguintes situações: não confundir sororidade com corporativismo com os homens, situação que fortalece o patriarcado; e a de que os homens precisam se conscientizar.

Um homem despojado de privilégios masculinos, que aderiu às políticas feministas, é um companheiro valioso de luta e de maneira nenhuma é ameaça ao feminismo; enquanto uma mulher que se mantém apegada ao pensamento e comportamento sexistas, infiltrando o movimento feminista é uma perigosa ameaça. (hooks, 2018, p. 131)

Afinal, como afirma a mesma autora, o feminismo é para todo mundo. Quando mulheres se organizaram em movimento em Belém, despertou também o corporativismo entre os homens para dispersar o movimento. Entendemos isto como total falta de conhecimento. Situação parecida aconteceu em Macapá: os homens entendiam, de forma equivocada, que os “movimentos” estavam contra eles, a fim de retirar as alunas dos grupos. Certamente, eles não desejam perder privilégios do patriarcado, uma vez que são beneficiados pelo sexismo, prova de que é necessário criar uma consciência, conforme afirma a autora.

Decerto, é por conta dos corporativismos, silenciamentos e invisibilização das mulheres que, ao apagar das luzes, descobrimos, nos depoimentos orais levantados, a presença de uma capoeirista em atuação na década de 1980 do século passado, que atualmente não está envolvida com a arte, e que seria a mulher mais graduada na capoeira do Estado do Amapá, conhecida como “Mestra Fera”, sobre a qual, infelizmente, não conseguimos coletar dados específicos a respeito da sua história e contribuição. Ficando, assim, o convite instigante para que, em outra oportunidade, possa ser desvelada a história desta mulher mestra de capoeira do meio do mundo.

Para finalizar, é importante (re)lembrar nossas histórias, memórias de descolonizações que são verdadeiras volta ao mundo, tanto na pesquisa quanto na capoeira, ao mencionar que a criação do coletivo trouxe experiências de vida com enfrentamentos e superações. Nossas discussões e interações fora da pequena roda, durante a pesquisa sobre o MCM e com o Coletivo Mulheres que Gingam no Meio no Mundo, nos fez perceber a importância de trazer histórias de coletivos de mulheres para a grande roda de discussões sobre gênero. Destacamos que a história deste coletivo social do “meio do mundo” quer evidenciar a “Ginga” dessas mulheres, como ato político, de resistência e descolonização, de afirmações de identidades na capoeiragem afro-amazônica.

## REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michel. *Etnografia e Observação Participante*. Tadução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras Lélia Gonzales em primeira pessoa*. Diásporas Africana: Editora Filhos da Africa, 2018.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tadução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos. 2018.
- IPHAN, *Dossiê de Registro Marabaixo*. Brasília/DF, 2018
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *A POLITICA DA CAPOEIRAGEM: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. *Capoeira Identidade e Genero: ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- SALLES, Vicente. *O Negro na Formação da Sociedade Paraense*. Belém: Paka-Tatu, 2004.
- SILVA, Maria Zeneide Gomes da Silva. *Movimento Capoeira Mulher: saberes ancestrais e a práxis feminista no século XXI em Belém do Pará*. Cametá, 2017, 180f. Dissertação(Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura – Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, 2017.
- SOARES, Carlos Eugênio Libano. *Capoeira no Pará: resistência escrava e cultura popular (1849-1896)*. [s.l.], 1997. Mimeografada.

